

A Hora do Juízo de Deus Chegou - Número Um

O julgamento dos vivos e o significado profético de 11 de setembro

Jeff Pippenger

2024-12-18

Há bastante tempo, na verdade desde logo após o 11 de setembro, temos ensinado de forma consistente que o julgamento dos vivos começou no dia 11 de setembro. Comprendemos esse fato a partir de uma multiplicidade de testemunhos bíblicos, que o corroboravam a partir de perspectivas completamente diferentes. Desde julho de 2023, temos entendido ainda mais detalhes do julgamento dos vivos, que começou no dia 11 de setembro, em comparação com os detalhes descobertos logo após o 11 de setembro. Por que o julgamento dos vivos começou no dia 11 de setembro? O que é o julgamento bíblico dos vivos?

No primeiro capítulo do livro do Apocalipse, a principal característica identificada de Cristo é que Ele é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último. Ele dá um exemplo justamente desse atributo de Seu caráter quando ordenou a João que escrevesse as coisas que foram e, ao fazer isso, João também estaria escrevendo as coisas que viriam. Jesus sempre ilustra o fim com o princípio. É quem Ele é.

A Bíblia identifica Jesus como o Verbo. O primeiro livro da Bíblia, Gênesis, significa 'princípio'. O último livro da Bíblia é o livro do Apocalipse, e as verdades apresentadas primeiro no livro de Gênesis são abordadas no livro do Apocalipse. Gênesis é o Alfa e Apocalipse é o Ômega, e juntos eles são o Verbo, e o Verbo é Jesus, que é o Alfa e o Ômega. A assinatura de Deus, ou Seu nome, está escrita em cada passagem da profecia bíblica. Essa assinatura confirma que a luz presente na passagem é a verdade.

Se uma interpretação de uma passagem de profecia não traz a assinatura de Deus — que é Seu nome, que é Seu caráter —, então a interpretação está incorreta. Há outros testes que devem ser aplicados ao interpretar a Palavra profética de Deus, mas seja qual for o teste que alguém aplique, ele deve estar definido na Palavra de Deus. Se não há testes humanos, há menos interpretações humanas. Então, por quê? E o quê? É o juízo bíblico dos vivos que começou em 9/11?

Quando Cristo se apresenta no livro do Apocalipse, ele se identifica como o princípio e o fim e usa o profeta João para ilustrar o que esse atributo de seu caráter representa. Ele identifica a mensagem de todo o livro como uma revelação de si mesmo. Ele ordena a João que escreva o que então existia no mundo de João e, ao fazê-lo, João estaria registrando o que haverá no fim do mundo. João foi um dos doze líderes no início da igreja cristã e, portanto, João está ilustrando o fim da igreja cristã, representado pelos cento e quarenta e quatro mil e pela grande multidão no capítulo sete do Apocalipse.

A lógica bíblica é esta: Jesus é a Palavra, pela qual todas as coisas foram criadas, a Palavra que sempre existiu com Seu Pai, e Ele é também a Bíblia, pois Ele é a Palavra de Deus. O primeiro atributo do caráter de Cristo que é apresentado na última mensagem da Palavra de Deus é que Ele

ilustra o fim de algo com o início desse mesmo algo. Se essa verdade sobre o caráter de Deus não for aplicada ao estudo da Bíblia de uma pessoa, ela não pode realmente saber o que é o juízo dos vivos, nem por que ele começou em 11 de setembro e, mais importante, por que está quase no fim.

Como exemplo do princípio do Alfa e Ômega, o Israel antigo tipifica o Israel moderno, o que é uma verdade profética que também pode ser identificada como o Israel literal tipificando o Israel espiritual. Não importa como isso possa ser expresso, tanto o Israel literal antigo quanto o Israel espiritual moderno têm uma história inicial e uma história final. Três das quatro histórias estão no passado, e agora estamos na quarta e última história.

As três histórias passadas representam três testemunhas da última geração da história da Terra. Essas três histórias passadas identificam a geração que é representada como os cento e quarenta e quatro mil no livro do Apocalipse. Há outras linhas proféticas da história que também abordam os cento e quarenta e quatro mil, mas o número dos cento e quarenta e quatro mil contém o simbolismo profético de que os cento e quarenta e quatro mil são aqueles que são representados profeticamente pela multiplicação das doze tribos do antigo Israel literal pelos doze discípulos do Israel espiritual moderno.

Como outro exemplo de Alfa e Ômega, os três anjos do capítulo catorze de Apocalipse representam uma história de início e de fim. O movimento milerita representa a história inicial dos três anjos, e o movimento dos cento e quarenta e quatro mil representa a história no encerramento da mensagem do terceiro anjo. O movimento alfa anunciou a abertura do juízo investigativo em 22 de outubro de 1844. O movimento ômega anunciou a abertura do juízo dos vivos, identificando seu início como 11 de setembro.

Um terceiro exemplo de Alfa e Ômega, que é facilmente sustentado pela inspiração, é que, no princípio, no movimento alfa dos mileritas, a parábola das dez virgens foi cumprida ao pé da letra. A Irmã White identifica a história dos mileritas no livro O Grande Conflito, no contexto do cumprimento daquela parábola naquela época. Ela ensina que o movimento ômega dos cento e quarenta e quatro mil também cumprirá a parábola das dez virgens ao pé da letra. Três breves testemunhos de Cristo que identificam o fim com o princípio.

No início do antigo Israel, o Senhor fez uma aliança com os hebreus, como representada pelo sangue sobre os umbrais das portas, o que é, é claro, a primeira menção do Clamor da Meia-Noite na Palavra de Deus. O batismo é um símbolo de uma relação de aliança com Cristo, e Paulo nos ensina que os hebreus que saíram do Egito foram todos batizados 'na "nuvem" e no "Mar Vermelho".' Depois de terem atravessado o mar, receberam maná, que, entre outras coisas, é um símbolo do sábado do sétimo dia no contexto de ser um teste.

O "maná" representa sua primeira prova e, quando reprovaram na sua décima e última prova ao rejeitarem a mensagem de Josué e Calebe, o Senhor então os rejeitou como Seu povo da aliança e entrou em aliança com Josué e Calebe. Quando finalmente entraram na Terra Prometida, o rito da circuncisão não foi realizado nos homens nascidos durante os quarenta anos, pois o rito foi encerrado na rebelião de Cades e reinstituído em Cades pouco antes da entrada. Isto é uma assinatura de Alfa e Ômega.

Os quarenta anos de peregrinação no deserto começaram com a rebelião contra a mensagem de Josué e Calebe, e terminaram com a rebelião de Moisés ao ferir a Rocha, deturpando assim o caráter e a obra de Deus. O começo do antigo Israel ilustra o fim do antigo Israel.

No fim do antigo Israel, Jesus, como o “Mensageiro da Aliança” no capítulo três de Malaquias, veio confirmar a “aliança” com muitos por uma semana, em cumprimento do capítulo nove de Daniel. Como o Mensageiro da Aliança, Cristo entrou em aliança com a igreja cristã na própria história em que Ele passou ao largo do antigo povo da aliança. No início do antigo Israel, como povo da aliança de Deus, o Senhor passou ao largo de um antigo povo da aliança e entrou em aliança com um novo povo escolhido. Ele fez exatamente a mesma coisa no fim do antigo Israel.

Um símbolo de uma aliança é o casamento, e desde o nascimento de Cristo até a destruição de Jerusalém em 70 d.C., a profecia indica um divórcio progressivo de Deus em relação ao antigo Israel literal. Então, quando é que o divórcio de fato entrou em vigor: no Seu nascimento, na Sua morte, no apedrejamento de Estêvão ou na destruição de Jerusalém?

"Enquanto isso, adoradores de todas as nações buscavam o templo que fora dedicado à adoração de Deus. Reluzente de ouro e de pedras preciosas, era uma visão de beleza e grandeza. Mas Jeová já não se encontrava naquele palácio de formosura. Israel, como nação, havia se divorciado de Deus. Quando Cristo, perto do fim de Seu ministério terrestre, contemplou pela última vez o interior do templo, disse: 'Eis que a vossa casa vos é deixada deserta.' Mateus 23:38. Até então Ele havia chamado o templo de casa de Seu Pai; mas, ao sair o Filho de Deus daquelas paredes, a presença de Deus foi retirada para sempre do templo construído para Sua glória." Atos dos Apóstolos, 145.

No dia seguinte à Entrada Triunfal, Cristo proclamou que a casa do judeu estava desolada, e o divórcio foi finalizado. Assim, o divórcio foi finalizado quando o sol se pôs no dia da Entrada Triunfal.

Jerusalém fora como filha sob Seus cuidados e, assim como um pai terno se lamenta por um filho rebelde, assim Jesus chorou sobre a cidade amada. Como posso entregar-te? Como posso ver-te entregue à destruição? Deverei deixar-te ir para encher a taça da tua iniquidade? Uma alma tem tal valor que, em comparação com ela, mundos reduzem-se à insignificância; mas aqui estava uma nação inteira a perder-se. Quando o sol, a declinar veloz para o ocidente, se ocultasse no céu, o dia de graça de Jerusalém estaria terminado. Enquanto a procissão se detinha no cimo do Monte das Oliveiras, ainda não era tarde demais para Jerusalém se arrepender. O anjo da misericórdia então recolhia as asas para descer do trono de ouro e dar lugar à justiça e ao juízo prestes a chegar. Mas o grande coração de amor de Cristo ainda intercedia por Jerusalém, que escarnecera de Suas misericórdias, desprezara Suas advertências e estava prestes a manchar as mãos com Seu sangue. Se Jerusalém apenas se arrependesse, ainda não seria tarde. Enquanto os últimos raios do sol poente se demoravam sobre o templo, a torre e o pináculo, não a conduziria algum bom anjo ao amor do Salvador e afastaria a sua condenação? Bela e ímpia cidade, que apedrejara os profetas, que rejeitara o Filho de Deus, que, por sua impenitência, se algemava em grilhões de servidão — seu dia de misericórdia estava quase findo!

Mais uma vez, o Espírito de Deus fala a Jerusalém. Antes que o dia termine, mais um testemunho é prestado a Cristo. Ergue-se a voz do testemunho, respondendo ao chamado de um passado profético. Se Jerusalém ouvir o chamado, se ela receber o Salvador que está entrando por suas portas, ela ainda poderá ser salva.

Relatos chegaram aos governantes em Jerusalém de que Jesus se aproxima da cidade com uma grande multidão. Mas não há boas-vindas para o Filho de Deus. Com medo, saem ao encontro dele, na esperança de dispersar a multidão. Quando o cortejo está prestes a descer o Monte das Oliveiras, é interceptado pelos governantes. Eles indagam a causa do regozijo tumultuoso. Ao perguntarem, 'Quem é este?', os discípulos, cheios do espírito de inspiração, respondem a essa pergunta. Em tons eloquentes, repetem as profecias acerca de Cristo:

Adão lhe dirá: É a descendência da mulher que esmagará a cabeça da serpente.

Pergunte a Abraão, ele lhe dirá: é 'Melquisedeque Rei de Salém,' Rei da Paz. Gênesis 14:18.

Jacó lhe dirá: Ele é Siló da tribo de Judá.

Isaías lhe dirá: "Emanuel", "Maravilhoso, Conselheiro, o Deus Poderoso, o Pai Eterno, o Príncipe da Paz." Isaías 7:14; 9:6.

Jeremias lhe dirá: O Renovo de Davi, 'o Senhor, nossa Justiça.' Jeremias 23:6.

Daniel lhe dirá: Ele é o Messias.

Oséias dirá a você: Ele é "o Senhor Deus dos Exércitos; o Senhor é o seu memorial." Oséias 12:5.

João Batista lhe dirá: Ele é 'o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo'. João 1:29.

O grande Jeová proclamou do Seu trono: 'Este é o Meu Filho amado.' Mateus 3:17.

Nós, Seus discípulos, declaramos: Este é Jesus, o Messias, o Príncipe da vida, o Redentor do mundo.

"E o príncipe dos poderes das trevas reconhece-o, dizendo: 'Eu sei quem tu és, o Santo de Deus.' Marcos 1:24." O Desejo das Eras, 577-579.

A história da Entrada Triunfal de Cristo tipificou a história do Clamor da Meia-Noite no período milerita. A passagem da Irmã White identifica que, quando a entrada começou, o povo ficou sob a inspiração do Espírito Santo, e então Cristo parou e chorou sobre Jerusalém. Depois disso, Ele prosseguiu com a entrada, e então é confrontado pela liderança judaica. Gostaria de isolar certos atributos dessa história a fim de identificar marcos que se repetem na história dos mileritas. Mas, antes, quero fazer uma observação sobre o começo e o fim. O que acabamos de citar da Irmã White representa o fim de um capítulo, e a abertura do capítulo seguinte diz o seguinte.

A entrada triunfal de Cristo em Jerusalém foi o pálido prenúncio de Sua vinda nas nuvens do céu com poder e glória, em meio ao triunfo dos anjos e ao regozijo dos santos. Então se cumprirão as palavras de Cristo aos sacerdotes e fariseus: "Desde agora não Me vereis, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor." Mateus 23:39. Em visão profética, foi

mostrado a Zacarias aquele dia de triunfo final; e ele contemplou também o destino dos que, na primeira vinda, haviam rejeitado a Cristo: “Olharão para Mim, a quem traspassaram, e prantearão por Ele, como quem pranteia por um filho único, e chorarão amargamente por Ele, como quem chora amargamente por um primogênito.” Zacarias 12:10. Essa cena Cristo previu quando contemplou a cidade e chorou sobre ela. Na ruína temporal de Jerusalém, Ele viu a destruição final daquele povo que era culpado do sangue do Filho de Deus.

Os discípulos viam o ódio dos judeus contra Cristo, mas ainda não percebiam a que isso levaria. Ainda não compreendiam a verdadeira condição de Israel, nem a retribuição que havia de cair sobre Jerusalém. Cristo lhes revelou isso por meio de uma significativa lição objetiva.

"O último apelo a Jerusalém fora em vão. Os sacerdotes e governantes tinham ouvido a voz profética do passado ecoada pela multidão, em resposta à pergunta: 'Quem é este?', mas não a aceitaram como a voz da Inspiração. Com ira e espanto, tentaram silenciar o povo. Havia oficiais romanos na multidão, e a eles Seus inimigos denunciaram Jesus como o líder de uma rebelião. Alegaram que Ele estava prestes a tomar posse do templo e reinar como rei em Jerusalém." O Desejo das Eras, 580.

O ponto que eu não queria deixar passar é que a Entrada Triunfal de Cristo em Jerusalém tipifica não apenas o Clamor da Meia-Noite da história milerita, mas também o fim do mundo. Ela está associada ao retorno de Cristo no início do milênio do capítulo vinte de Apocalipse e também ao Seu retorno com a Nova Jerusalém no fim do milênio. Está também associada à morte dos ímpios em Sua segunda vinda e ao juízo final deles no fim do milênio. O início do último parágrafo afirma: "O último apelo a Jerusalém fora em vão. Os sacerdotes e governantes tinham ouvido a voz profética do passado ecoada pela multidão, em resposta à pergunta: 'Quem é este?', mas não a aceitaram como a voz da Inspiração."

O último apelo foi em vão, e o apelo foi apresentado como “a voz profética do passado”. A multidão nos dias de Cristo rejeitou o seu último apelo, pois rejeitou o conselho de Jeremias de voltar às veredas antigas. Essa multidão também recusou a metodologia de linha sobre linha, pois os discípulos tinham respondido à pergunta “Quem é este”, reunindo várias testemunhas, linha sobre linha, um pouco aqui e um pouco ali.

Quando Cristo começa a entrada em Jerusalém, Ele para ao longo do caminho. Isso começa com o cumprimento da profecia, quando os discípulos conseguem o jumento para Cristo montar. Ele nunca havia montado um animal, e o animal nunca havia sido montado. A própria lógica aponta para um milagre, pois que animal aceita um cavaleiro logo na primeira vez, e quem saberia como conduzir um jumento que nunca havia sido montado. Isso é semelhante a quando os filisteus colocaram uma oferta na carroça, junto com a Arca, e atrelaram duas vacas que estavam ambas amamentando bezerros e que nunca tinham puxado uma carroça, e elas imediatamente abandonaram os bezerros e iniciaram a viagem para devolver a Arca aos hebreus. A Arca está a caminho de Jerusalém, e, quando Davi finalmente a traz para Jerusalém, ele prefigurou a entrada triunfal de Cristo.

Assim que Cristo montou o jumentinho, o povo começou a forrar o caminho com seus mantos, cortando ramos de palmeira, e os gritos ecoaram: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas." (Mateus 21:9) Os líderes resistiram e exigiram que Jesus silenciase a multidão. Eles seguiram adiante, e Jesus deteve-se para chorar pela humanidade perdida, representada por Jerusalém. Então a procissão prosseguiu e os líderes mais uma vez voltaram a intervir, exigindo saber quem é Jesus. Então os discípulos responderam com o testemunho dos profetas, linha sobre linha.

A história que agora estamos considerando foi precedida pela ressurreição de Lázaro, que marca a primeira decepção na linha profética ilustrada na parábola das dez virgens, e pelo toque de Uzá na Arca, na linha da entrada triunfal de Davi em Jerusalém. A primeira decepção está associada a um tempo de tardança, e Cristo tardou quando soube pela primeira vez que Lázaro estava doente, assim como Davi tardou, deixando a Arca onde Uzá morreu, até mais tarde ir buscá-la. Lázaro morreu e, depois, foi ressuscitado. Lázaro é quem, em seguida, conduz o jumento sobre o qual Jesus monta para entrar em Jerusalém.

Na história milerita, o segundo anjo chegou em 19 de abril de 1844, no primeiro desapontamento, que marcou o início do tempo de tardança. A partir de então, Samuel Snow começou a desenvolver progressivamente a mensagem do Clamor da Meia-Noite. O desenvolvimento progressivo dessa mensagem é representado pela entrada de Cristo em Jerusalém. A progressão da obra de Snow também é representada nas viagens da Arca: dos filisteus, à carroça, a Uzá e, por fim, a Jerusalém.

A entrada tem uma proclamação inicial do povo quando os líderes disseram a Cristo que calasse a multidão, seguida pelo choro de Cristo, e então a proclamação dos discípulos quando os líderes obstinados perguntaram quem era Cristo. A manifestação de inspiração no povo que suscitou a primeira reação dos líderes obstinados foi repetida pelos discípulos quando eles apresentaram "linha sobre linha" uma multidão de testemunhas proféticas do passado. Quando o sol se pôs naquele dia, o antigo Israel estava divorciado de Deus.

Nessa história somos informados de que os discípulos não "compreendiam a retribuição que havia de cair sobre Jerusalém". A "retribuição" que havia de "cair sobre Jerusalém" foi ilustrada aos discípulos por "uma lição ilustrativa significativa". A lição ilustrativa significativa foi a maldição da figueira. A destruição de Jerusalém, que os discípulos ainda não compreendiam, foi ilustrada pela maldição da figueira, e também pela parábola que Cristo havia ensinado anteriormente acerca da figueira.

A advertência é para todos os tempos. O ato de Cristo ao amaldiçoar a árvore que Seu próprio poder havia criado permanece como advertência para todas as igrejas e para todos os cristãos. Ninguém pode viver a lei de Deus sem ministrar aos outros. Mas há muitos que não vivem a vida misericordiosa e altruísta de Cristo. Alguns que se julgam excelentes cristãos não entendem o que constitui o serviço a Deus. Eles planejam e estudam para agradar a si mesmos. Agem apenas pensando em si mesmos. O tempo tem valor para eles apenas na medida em que podem ajuntar para si. Em todos os assuntos da vida, este é o seu objetivo. Não aos outros, mas a si mesmos, ministram. Deus os criou para viverem em um mundo onde o serviço altruísta deve ser realizado. Ele os destinou a ajudar seus semelhantes de todas as maneiras possíveis.

Mas o eu é tão grande que não conseguem ver mais nada. Não estão em contato com a humanidade. Os que assim vivem para si são como a figueira, que ostentava todas as aparências, mas era infrutífera. Observam as formas de culto, mas sem arrependimento ou fé. Em sua profissão de fé, honram a lei de Deus, mas falta-lhes obediência. Dizem, mas não fazem. Na sentença pronunciada sobre a figueira, Cristo demonstra quão odiosa é aos Seus olhos essa vã pretensão. Ele declara que o pecador declarado é menos culpado do que aquele que professa servir a Deus, mas que não produz fruto para Sua glória.

A parábola da figueira, proferida antes da visita de Cristo a Jerusalém, tinha relação direta com a lição que Ele ensinou ao amaldiçoar a árvore infrutífera.

Depois do último confronto com os líderes, Jesus se retirou para orar durante toda a noite; pela manhã, ao passar pela figueira, Ele a amaldiçoou.

Não era a estação de figos maduros, salvo em certas localidades; e nas terras altas ao redor de Jerusalém podia-se dizer com razão: "Ainda não era tempo de figos." Mas no pomar a que Jesus chegou, uma árvore parecia estar adiantada em relação às demais. Já estava coberta de folhas. É da natureza da figueira que, antes de as folhas se abrirem, o fruto em desenvolvimento apareça. Portanto, essa árvore, em plena folhagem, dava a promessa de frutos bem desenvolvidos. Mas sua aparência era enganosa. Ao examinar seus ramos, do galho mais baixo ao mais alto raminho, Jesus encontrou "nada além de folhas". Era uma massa de folhagem pretensiosa, nada mais.

Cristo proferiu contra ela uma maldição devastadora. "Nunca jamais coma alguém fruto de ti", disse Ele. Na manhã seguinte, quando o Salvador e Seus discípulos estavam novamente a caminho da cidade, os ramos ressequidos e as folhas murchas chamaram-lhes a atenção. "Mestre", disse Pedro, "eis que a figueira que amaldiçoaste secou."

O ato de Cristo ao amaldiçoar a figueira tinha surpreendido os discípulos. Parecia-lhes destoar de Seus caminhos e obras. Muitas vezes tinham-no ouvido declarar que Ele não viera para condenar o mundo, mas para que o mundo, por meio dEle, fosse salvo. Lembavam-se de Suas palavras: 'O Filho do homem não veio para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las.' Lucas 9:56. Suas maravilhosas obras tinham sido feitas para restaurar, nunca para destruir. Os discípulos conheciam-no apenas como o Restaurador, o Médico. Este ato estava isolado. Qual era o seu propósito? perguntavam.

Deus 'compraz-se na misericórdia.' 'Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio.' Miqueias 7:18; Ezequiel 33:11. Para Ele, a obra de destruição e a proclamação do juízo é uma 'obra estranha.' Isaías 28:21. Mas é por misericórdia e amor que Ele levanta o véu do futuro e revela aos homens os resultados de um caminho de pecado.

"A maldição da figueira foi uma parábola encenada. Aquela árvore estéril, ostentando sua folhagem pretensiosa bem diante de Cristo, era um símbolo da nação judaica. O Salvador desejava deixar claro a Seus discípulos a causa e a certeza da ruína de Israel. Para esse fim, Ele conferiu à árvore qualidades morais e fez dela a expositora da verdade divina. Os judeus se destacavam de todas as outras nações, professando lealdade a Deus. Havia sido especialmente favorecidos por Ele e pretendiam possuir uma justiça superior à de qualquer

outro povo. Mas foram corrompidos pelo amor ao mundo e pela cobiça de lucro. Gabavam-se de seu conhecimento, mas eram ignorantes das exigências de Deus e cheios de hipocrisia. Como a árvore estéril, estendiam seus ramos pretensiosos ao alto, luxuriantes na aparência e belos aos olhos, mas produziam 'nada além de folhas'. A religião judaica, com seu magnífico templo, seus altares sagrados, seus sacerdotes mitrados e cerimônias impressionantes, era de fato bela na aparência exterior, mas faltavam-lhe humildade, amor e benevolência." O Desejo das Eras, 581, 582.

Começamos levantando duas perguntas que estamos em processo de responder. Essas perguntas foram: "Por que o juízo dos vivos começou em 11 de setembro? O que é o juízo bíblico dos vivos?"

As poucas linhas de profecia que acabamos de apresentar são testemunhos bíblicos do juízo dos vivos. Essas linhas de profecia abordam muito mais do que simplesmente o "A, B, C" do juízo, mas estamos primeiro respondendo às questões de 11 de setembro e do juízo dos vivos.

"'Eu contemplava', diz o profeta Daniel, 'até que foram postos tronos, e o Ancião de Dias se assentou: sua veste era branca como a neve, e os cabelos de sua cabeça como lã pura; seu trono eram chamas de fogo, e as suas rodas, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele: milhares de milhares o serviam, e dez mil vezes dez mil estavam diante dele: o juízo foi estabelecido, e os livros foram abertos.' Daniel 7:9, 10, R.V."

Assim se apresentou à visão do profeta o grande e solene dia em que o caráter e a vida dos homens hão de passar em revista perante o Juiz de toda a terra, e a cada homem se dará "segundo as suas obras". O Ancião de Dias é Deus Pai. Diz o salmista: "Antes que os montes fossem gerados, ou antes que formasses a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, Tu és Deus." Salmo 90:2. É Ele, a fonte de todo ser e o manancial de toda lei, quem há de presidir o juízo. E santos anjos, como ministros e testemunhas, em número de "dez mil vezes dez mil, e milhares de milhares", comparecem a este grande tribunal.

'E eis que um como o Filho do homem vinha com as nuvens do céu; veio ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará.' Daniel 7:13, 14. A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à Terra. Ele vem ao Ancião de Dias, no céu, para receber domínio, glória e um reino, que Lhe serão dados no encerramento de Sua obra como mediador. É essa vinda, e não o Seu segundo advento à Terra, que foi predita na profecia para ocorrer no término dos 2300 dias, em 1844. Acompanhado por anjos celestiais, nosso grande Sumo Sacerdote entra no Santo dos Santos e ali comparece na presença de Deus para levar a efeito os últimos atos de Sua ministração em favor do homem — realizar a obra do juízo investigativo e fazer expiação por todos os que se mostrem com direito aos seus benefícios.

No serviço típico, somente aqueles que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta pelo pecado, haviam sido transferidos para o santuário, tinham parte no serviço do Dia da Expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo investigativo, os únicos casos considerados são os do povo que

professa pertencer a Deus. O juízo dos ímpios é uma obra distinta e separada, e ocorre em período posterior. 'O juízo deve começar pela casa de Deus; e, se começa primeiro por nós, qual será o fim dos que não obedecem ao evangelho?' 1 Pedro 4:17.

Os livros de registro no céu, nos quais os nomes e as obras dos homens se acham registrados, servem para determinar as decisões do juízo. Diz o profeta Daniel: 'Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.' O revelador, descrevendo a mesma cena, acrescenta: 'Abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.' Apocalipse 20:12.

O livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram ao serviço de Deus. Jesus disse aos Seus discípulos: 'Alegrai-vos, porque os vossos nomes estão escritos no céu.' Lucas 10:20. Paulo fala de seus fiéis cooperadores, 'cujos nomes estão no livro da vida.' Filipenses 4:3. Daniel, olhando para 'um tempo de angústia, qual nunca houve', declara que o povo de Deus será livrado, 'todo aquele que for achado escrito no livro.' E o revelador diz que apenas aqueles cujos nomes 'estão escritos no livro da vida do Cordeiro' entrarão na cidade de Deus. Daniel 12:1; Apocalipse 21:27.

"Um livro de recordação' há diante de Deus, no qual estão registrados os bons feitos dos 'que temiam o Senhor e que meditavam no Seu nome.' Malaquias 3:16. Suas palavras de fé, seus atos de amor, estão registrados no céu. Neemias refere-se a isso quando diz: 'Lembra-te de mim, ó meu Deus, ... e não apagues as minhas boas obras que fiz pela casa do meu Deus.' Neemias 13:14. No livro de recordação de Deus, cada ato de justiça é imortalizado. Ali, toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de terna compaixão expressa, é fielmente registrada. E todo ato de sacrifício, todo sofrimento e dor suportados por amor de Cristo, são registrados. Diz o salmista: 'Tu contas as minhas andanças; põe Tu as minhas lágrimas no Teu odre; não estão elas no Teu livro?' Salmo 56:8."

Há também um registro dos pecados dos homens. 'Porque Deus há de trazer a juízo toda obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.' 'De toda palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo.' Diz o Salvador: 'Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado.' Eclesiastes 12:14; Mateus 12:36, 37. Os propósitos e motivos secretos aparecem no registro infalível; pois Deus 'trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações.' 1 Coríntios 4:5. 'Eis que está escrito diante de mim, ... as vossas iniquidades e as iniquidades de vossos pais juntamente, diz o Senhor.' Isaías 65:6, 7.

A obra de cada homem passa em revista perante Deus e é registrada quanto à fidelidade ou à infidelidade. Registra-se, com terrível exatidão, ao lado de cada nome nos livros do céu, cada palavra errada, cada ato egoísta, cada dever não cumprido e cada pecado secreto, com toda dissimulação ardilosa. Advertências ou repreensões enviadas do céu desprezadas, momentos desperdiçados, oportunidades não aproveitadas, a influência exercida para o bem ou para o mal, com seus resultados de longo alcance, tudo é registrado pelo anjo registrador.

A lei de Deus é o padrão pelo qual o caráter e a vida dos homens serão provados no juízo. Diz o sábio: 'Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos: pois este é o dever de todo homem.

Porque Deus há de trazer a juízo toda obra.' Eclesiastes 12:13, 14. O apóstolo Tiago admoesta seus irmãos: 'Assim falai e assim procedei, como os que hão de ser julgados pela lei da liberdade.' Tiago 2:12.

Aqueles que no juízo forem “considerados dignos” terão parte na ressurreição dos justos. Jesus disse: “Os que forem considerados dignos de alcançar aquele mundo e a ressurreição dentre os mortos, ... são iguais aos anjos; e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.” Lucas 20:35, 36. E novamente Ele declara que “os que fizeram o bem” sairão “para a ressurreição da vida.” João 5:29. Os mortos justos não serão ressuscitados senão após o juízo no qual são considerados dignos da “ressurreição da vida”. Portanto, não estarão presentes pessoalmente no tribunal quando seus registros forem examinados e seus casos decididos.

Jesus aparecerá como advogado deles, para pleitear em favor deles perante Deus. 'Se alguém pecar, temos advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.' 1 João 2:1. 'Pois Cristo não entrou em santuários feitos por mãos, que são figuras do verdadeiro; mas no próprio céu, agora, para comparecer na presença de Deus por nós.' 'Por isso também pode salvar completamente os que por meio dele se achegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.' Hebreus 9:24; 7:25.

Quando os livros de registro são abertos no juízo, as vidas de todos os que creram em Jesus são passadas em revista diante de Deus. Começando pelos que primeiro viveram na terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva e conclui com os vivos. Cada nome é mencionado; cada caso, minuciosamente investigado. Nomes são aceitos; nomes, rejeitados. Quando alguém tem pecados permanecendo nos livros de registro, não arrependidos nem perdoados, seu nome será riscado do livro da vida, e o registro de suas boas obras será apagado do livro da memória de Deus. O Senhor declarou a Moisés: "Aquele que pecou contra Mim, a esse riscarei do Meu livro." Êxodo 32:33. E diz o profeta Ezequiel: "Quando o justo se desvia da sua justiça e comete iniquidade, ... toda a justiça que praticou não será lembrada." Ezequiel 18:24. O Grande Conflito, 479-483.

Continuaremos este estudo e responderemos às questões levantadas no próximo artigo desta série.